



J. Chrys Chrystello*

Plantar o futuro como a avestruz

“neste Natal que se avizinha continue a proferir palavras e desejos ociosos, deixe-se absorver pelo consumismo exacerbado a que a massificação da propaganda das televisões e dos anúncios o impele, compre, mais, sempre mais, endivide-se a si, aos filhos e aos netos para “possuir” bens materiais de que não necessita (todos embrulhados em plástico brilhante); a acreditar que tem muitos amigos no Facebook”



Tocam os sinos na minha aldeia (é freguesia, senhor, chame-lhe freguesia) por mais um que se finou... se os sinos tocassem pelos que nascem raramente se ouviam. Tem sido assim desde que aqui cheguei há 15 anos... morrem e morrem não sendo substituídos.

Como não há recenseamento atualizado direi empiricamente que mais de 30% da população não deveria constar dos cadernos eleitorais. Isso nota-se todos os anos nas matriculas escolares, e as ruas já não são o que eram, com enxames de pequenos seres ruidosos e saltitantes nunca imaginei que a desertificação humana a que assisti em Trás-os-Montes pudesse ser uma realidade nos Açores. Recordo que a primeira coisa que saltava à vista em contraste com o distrito de Bragança era a quantidade de jovens e infantes em todas as freguesias da ilha que visitei quando comecei a conhecer a ilha detalhadamente.

O envelhecimento e a desertificação são problemas bem mais prementes do ponto de vista social e económico do que as mudanças climáticas. Estão interligados, interdependentes mas não se excluem. Já não velhos para cuidarem e plantarem o meu quintal e nisso os novos não estão interessados. Quando morreram os idosos disponíveis para tais tarefas elas ficaram por se realizar. Assim, quintais e campos irão estiolar à medida que se forem reconvertendo as agropecuárias de produção de leite., condenadas que estão há muito. A maior parte dos jovens em idade escolar nesta zona rural onde vivo não sonha com livros nem com estudo, mas sim com vacas, desconhecendo (por não terem estudos nem lerem livros) que esse futuro lhes será vedado e irá desaparecer como se foram os amola tesouras, os datilógrafos, os limpa-chaminés e tantos outros.

Quando agora todos parecem obcecados com a

crise do clima eu antecipo a solução que os políticos vão encontrar, mais impostos sobre isto e mais sobre aquilo, em vez de enfrentarem o problema pelos cornos. Há formas mais ecológicas de vivermos e nem todas implicam abdicar do transporte automóvel e de outros confortos do século XX. Há muito que deixei de atirar tudo o que avaria para o lixo, tentando arranjar o que se vai estragando e reciclar em vez de aumentar minha pegada de lixo. Nesta área muito se pode fazer, desde que haja carpinteiros, electricistas, canalizadores e tantos outros em profissões que a tecnologia foi empurrando para fora do mercado.

Seria oportuno recordar um conselho de Confúcio: “se tiveres planos para um ano, planta arroz; para dez anos planta árvores; para cem anos, educa as crianças.” Em democracia, isto seria muito difícil de executar pois os políticos que optassem por esta sábia visão não seriam reeleitos.

À medida que as catástrofes se multiplicam, como já vem acontecendo há anos, não haverá meios suficientes para reconstruir tudo o que a natureza destrói, sejam casas, infraestruturas ou meios de produção e há um limite finito para os impostos que se podem lançar.

Há tanta civilização, conhecida e desconhecida, que desapareceu já da face da terra. Uma deixaram rastros visíveis, outras deixaram rastros que nem nós conseguimos ler ou interpretar, para avaliarmos as causas do seu desaparecimento, que é provável que o mesmo venha a suceder à nossa atual civilização. Aí, tudo começará do zero, com os sobreviventes, se os houver, e esses, como a História nos ensina, serão os tecnologicamente menos atualizados, como os aborígenes australianos em contexto tribal. Demorará milhares de anos a nova evolução tecnológica e até lá ficarão a pairar nos céus milhares de satélites obsoletos, perecerão as torres de comunicações indispensáveis à nossa civilização atual, a natureza ocupará os edifícios abandonados, as areias enterrarão os exageros dos Emirados Árabes, e, um dia alguém descobrirá os vestígios desta civilização como em Borobodur (Indonésia, Java) construído no século IX e redescoberto em 1814, ou como ainda hoje descobrimos cidades maias na América, soterra-

das por séculos de abandono.

Por tudo isto fazem bem os que não ouvem os cientistas, (eles enganam-se tantas vezes...) e os que antecipam cataclismos, tudo pode acontecer, um meteoro destruidor (como já sucedeu no passado); um tsunami avassalador, uma erupção de Yellowstone ou Cracatoa que nos prive de sol e de vida, e assim, vamos aproveitando os dias que nos restam antes desse dia, continuando a poluir os oceanos com os plásticos que já comemos na nossa alimentação diária, com o ar irrespirável que absorvemos nos nossos pulmões, com a água que vai faltando em muitos cantos deste mundo. Quem sabe, se a IA (inteligência artificial), que vai povoando as nossas fábricas e escritórios, finalmente decide que nós não temos inteligência que nos permita continuar a viver e nos condene ao extermínio como nós fizemos a tanta civilização que descobrimos quando explorávamos os oceanos (lembro-me de Pizarro e Cortéz nas Américas).

Por isso, neste Natal que se avizinha continue a proferir palavras e desejos ociosos, deixe-se absorver pelo consumismo exacerbado a que a massificação da propaganda das televisões e dos anúncios o impele, compre, mais, sempre mais, endivide-se a si, aos filhos e aos netos para “possuir” bens materiais de que não necessita (todos embrulhados em plástico brilhante); a acreditar que tem muitos amigos no Facebook; a sentir que é um bom católico que vai à missa (quando não tenta espezinhar os que se cruzam consigo); a pensar que é um bom patrão (só por que é condescendente com os seus súbditos, perdão, agora chamam-se “colaboradores”); a estacionar no lugar dos “deficientes (pois só demora um minuto) embora não saiba circular numa rotunda ou use a faixa da esquerda quando há mais do que uma faixa de rodagem; a atirar lixo ou beatas de cigarro do seu veículo em andamento.

Temos à nossa frente um futuro tão brilhante quanto o de Marco Túlio Cícero advogado, político, escritor e filósofo. A sua influência na história da prosa subsequente é enorme. A ele se deve a decisiva introdução e o desenvolvimento da filosofia grega no mundo romano, bem como a criação de um vocabulário filosófico novo que incluiu termos como *evidentia*, *humanitas*, *qualitas*, *quantitas* e *essentia*. Morreu em 43 a.C. de morte matada. As suas mãos e a cabeça foram publicamente exibidas por ordem de Marco António.

E termino parafraseando um dos magos da música, Roger Waters: “This species has amused itself to death” que é como quem diz “esta espécie (humana) divertiu-se imenso até à morte”.

*Jornalista, Membro Honorário Vitalício nº 297713 [Australian Journalists' Association] MEEA]